

Indicado à Palma de Ouro de Cannes e aplaudido no Festival de Roterdã, 'Banel & Adama', história de amor com realismo mágico, consagra a diretora Ramata-Toulaye Sy, entusiasta da literatura

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Único representante do continente africano na briga pela Palma de Ouro de 2023, exibido ainda no prestigioso Festival de Roterdã, "Banel e Adama" está encerrando, no Brasil, um ciclo que se arrasta por um ano e meio de périplo pelas telas do mundo todo a levar uma visão particular do Senegal, carregada de tintas mágicas. Sua diretora, Ramata-Toulaye Sy, hoje se agarra com orgulho às vagas que vem conquistando nas maiores maratonas audiovisuais do Velho Mundo. Em maio do ano passado, na Croisette, a revista "Screen" atribuiu elogios a ela na resenha escrita por Wendy Ide. Segundo a resenhista, o filme é uma "fábula atmosférica" e "cresce na sua segunda metade e será de interesse para os distribuidores de filmes independentes". Quem ainda não o incluiu em sua lista de achados das narrativas independentes egressas da África deve fazê-lo pra ontem. Para as plateias nacionais, a chance de aplaudir essa joia na telona começa a partir



Festival holandês pega Banel et Adama emprestado de Cannes

Senegal em tempo de fábula

desta quinta, data de sua estreia comercial por aqui.

"Não quero um cartão postal do Senegal, mas, sim, imagens não saturadas, apoiadas em referências de Van Gogh e Munch. Tentei dialogar com a literatura sem me deixar embevecido por lirismos da prosa", disse Ramata-Toulaye ao Correio da Manhã, em Cannes.

O que existe de ousadia nessa love story no Senegal (terra dos ancestrais da diretora, que nasceu

há 37 anos em Paris e lá estudou) é seu flerte com o realismo mágico. Há até uma revoada de aves que inundam o céu com o aviso funesto de uma tragédia. Khady Mane é Banel, jovem que se casa com Adama (Mamadou Diallo) em entender os interditos culturais de seu povo ligados ao benquerer. A percepção de que seu romance incomoda, ela gravita por veredas do risco.

"É da literatura que o realismo

de tons fantásticos, cercado de magia, brotou para dentro da minha narrativa", explica a cineasta. "Ele passa por Faulkner, entre muitos autores mais ou menos alinhados com essa perspectiva mágica. Eu busquei ir além da comédia romântica clássica, com a qual o cinema nos marcou, explorando potências que nos tiram do real, pois não quero fazer um manifesto, um filme social. É a história de um amor, ainda que fantasmas

do escravismo contra o povo negro apareçam em algum lugar ali. Ainda sobre referências, a Hkady viu 'Camille Claudel', o filme, para construir sua personagem de modo a tornar crível que, hoje, ainda se enlouquece de amor. Existe uma dimensão de tragédia no filme, mas também existe a banalidade da vida, que não pode ser descartada".

Pilares autorais do cinema produzido por países africanos - como Souleymane Cissé, do Mali - estão no radar de Ramata-Toulaye, mas não engessam sua dinâmica criativa. "Respeito a obra dele, assim como admiro outros filmes de colegas africanos. Mas eu, que nasci na França, não cresci com essas narrativas da África. Eu só fui descobri-las mais tarde", disse a cineasta. "São filmes que demoram a circular. Sou vista aqui como alguém recém-chegada. Mas eu tenho um currículo. Não sou uma desconhecida. Estudei cinema. Estou aqui. Veja o que tenho a dizer com meus filmes".